

Manual contra agressões

Ciente dos números levantados no diagnóstico da situação de violência nas escolas, a secretária-adjunta de Educação, Eunice Oliveira, explica que as instituições de ensino precisam recuperar o papel disciplinador. "Educar é também impor limites", avisa. "A direção muitas vezes deixa de fazer registro de casos de violência. Isso é complicado, principalmente, quando se trata de um ato infracional. Quando entra arma na escola ou há brigas, é fundamental ir à delegacia ou chamar o Batalhão Escolar", afirma a secretária-adjunta que elaborou, com a equipe do gabinete, um

manual de procedimentos para cada caso de violência. A publicação será distribuída a 15 mil gestores e educadores da rede de ensino nos próximos dias.

O documento de 53 páginas está dividido em 10 capítulos. O primeiro traz uma série de definições que podem ser usadas, inclusive como material de apoio da matriz pedagógica. "O que é o que", conceitua 26 termos ligados aos direitos humanos e à cultura da paz, como preconceito, conflitos e cidadania. O capítulo seguinte, segue a mesma linha e apresenta os atores do combate à violência, como con-

selho tutelar e o Batalhão Escolar. A partir do terceiro capítulo, uma série de procedimentos é apresentada. "Com essa ferramenta, fica claro que a escola não está sozinha", explica o secretário José Luiz Valente.

Além do manual, a política do GDF de valorização da paz trabalha para aumentar a sensação de pertencimento dos alunos e professores ao ambiente escolar. Para tanto, a Secretaria vai incentivar as escolas a abrirem grêmios estudantis capazes de discutir medidas de inclusão. Além disso, o governo do DF vai promover cursos de capacitação de profes-

sores e diretores para enfrentar conflitos e orientá-los a lidar com situação de violência.

A rotina da escola tem uma regra definida: "não pode dar bobeira". O conselho vem dos que já sentiram na pele todo tipo de violência. Um aluno da 7ª série do Centro de Ensino Médio 3 de Ceilândia, aprendeu a duras penas. Teve roubado o aparelho de MP4 e regrediu alguns anos

em matéria de tecnologia portátil para ouvir música. Tirou da gaveta o velho diskman. Ele "deu bobeira" e deixou o aparelho dentro da mochila. Se ele fez alguma coisa, se procurou ao menos a direção para avisar do roubo? "Não adianta, não. Direção vai resolver o quê? Se quiserem levar, eles levam mesmo", responde o garoto de 16 anos, conformado com a situação.

*uma droga de orientadora pedagógica
atenção de não ficar mais inchada e so-
ça, e tipo eu acho que é que acontece
fora do escola, se não é problema da escola
e que se o aluno decide fumar, beber, chutar
matas, qualquer coisa de gênero se
é problema pessoal do aluno e a escola
não deveria interferir, que acontece fora
do escola, fica fora do escola.*

**FAC-SIMILE DE REDAÇÃO DE
ALUNO: DADOS E TEXTOS
SERÃO PUBLICADOS EM LIVRO**

Nada menos que 27,8% dos alunos declararam ter sofrido roubo ou furto entre 2006 e 2008 dentro das escolas. E engana-se quem pensa que os professores estão livres. Na pesquisa da Secretaria de Educação, 16,5% reclamaram da mesma coisa. Mas, para os mestres, a violência mais comum é a ameaça, que atinge 26,4% do entrevistados.

*** NOMES TROCADOS PARA
PROTEGER OS ALUNOS**

